

IDENTIDADE E DIFERENÇAS NA TERMINOLOGIA DA FAUNA E DA FLORA: NOTAS SOBRE UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA, INGLESA, ITALIANA E ESPANHOLA

IDENTITY AND DIFFERENCE IN FAUNA AND FLORA TERMINOLOGY: NOTES ON A COMPARATIVE STUDY AMONG PORTUGUESE, ENGLISH, ITALIAN AND SPANISH LANGUAGES

Sabrina de Cássia Martins*
sabrismartins@gmail.com

O presente estudo tem como objetivo examinar o fenômeno da variação denominativa na terminologia da *fauna* e da *flora* nas línguas portuguesa, inglesa, italiana e espanhola. Partindo-se da premissa de que a proximidade entre o observador e o meio em que a espécie ocorre propicia a formação tanto do nome científico quanto de seus nomes vernaculares, analisamos as variantes denominativas em português de cerca de duzentas espécies, comparando as motivações atuantes na formação de tais itens nessa língua, assim como em espanhol, italiano e inglês. Baseamo-nos na Teoria Comunicativa da Terminologia e assinalamos a influência de fatores sócio-históricos e culturais atuantes na composição da terminologia aqui abordada, ênfase para as variantes denominativas compostas por nomes de cores, por nós denominadas de expressões cromáticas especializadas.

Palavras-chave: Terminologia da *fauna* e *flora*. Variação. Variação denominativa. Nomes de cores. Expressões cromáticas especializadas.

The present study focus on examining the denominative variation phenomenon in *fauna* and *flora* terminology in Portuguese, English, Italian and Spanish languages. Assuming that the proximity of the observer to the species natural habitat facilitates the formation of both the scientific and vernacular names, we analyse the denominative variants in Portuguese of about two hundred species, comparing the motivation of such items in this language, as well as in Spanish, Italian and English. We based our search on Communicative Theory of Terminology and we affirm that cultural, social and historic factors contribute to the composition of terminology

* Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Brasil.

under consideration, with emphasis on denominative variants composed by colour names, *i.e.*, the specialized chromatic phrases.

Keywords: *Fauna* and *flora* terminology. Variation. Denominative variation. Colour names. Specialized chromatic phrases.



1. Introdução

A virada do século é acompanhada de uma nova concepção sobre o objeto da Terminologia, bem como sobre a contribuição dessa disciplina para a sociedade. Com efeito, fenômenos da linguagem antes refutados por terminólogos passam a ser considerados como fundamentais na formação das unidades lexicais especializadas. Nesse contexto, o presente estudo investiga o fenômeno da variação nos domínios da *fauna* e da *flora* nas línguas portuguesa, inglesa, italiana e espanhola, tomando como base a *Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT* (Cabré 1999a; 2003).

Para tanto, utilizamos como referência os nomes populares de cerca de duzentas espécies descritas em Martins (2013a) e que nesse estudo foram divididas em duas subáreas da Biologia: a Botânica, especificamente as *Angiospermas* (monocotiledôneas e eudicotiledôneas), e a Zoologia, exclusivamente os *Vertebrados* (peixes, mamíferos, aves, anfíbios e répteis). Importa explicar que o delineamento do vocabulário em análise é fruto do nosso interesse no uso dos nomes de cores para a ampliação lexical (como já demonstrado em Martins (2013b; 2014; 2017; 2018), em Martins e Zavaglia (2014) e em Zavaglia e Martins (2012; 2016)). A participação no projeto intitulado *Dicionário Multilíngue de Cores (DMC)*¹, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Claudia Zavaglia, direcionou-nos para o universo terminológico da *fauna* e da *flora*, originando nossas pesquisas de mestrado (Martins 2013a) e de doutorado (Martins 2017). Nesta última, que tem como fruto o presente artigo, analisamos comparativamente a variação denominativa entre as línguas portuguesa (nossa língua materna), inglesa e italiana (nossas línguas de trabalho), observando as motivações atuantes na formação de tais itens, ênfase para a característica cromática das espécies. Às conclusões apresentadas na tese, acrescentamos apontamentos derivados de

1 Para ulteriores informações sobre o projeto, confira Zavaglia (2010; 2007; 2006a; 2006b).

estudos preliminares sobre a língua espanhola, cuja menção explica-se pelo número de países latino-americanos que a têm como língua oficial, inclusive no que se refere ao compartilhamento dos biomas com o Brasil.

Nosso trabalho é impulsionado pela proposição de que a proximidade entre a espécie e o observador propicia a formação tanto do nome científico quanto de suas variantes denominativas. Tal hipótese é comprovada, inclusive, pela frequência de variantes denominativas em língua portuguesa do Brasil para a denominação das espécies presentes nos biomas brasileiros. Nas páginas que seguem, discutimos, primeiramente, o papel do léxico no interior de uma comunidade; em seguida, abordamos a inserção das terminologias como parte integrante do léxico das línguas naturais; posteriormente, relatamos a contribuição do fenômeno da variação para a formação das terminologias; por fim, expomos como se dá a variação denominativa na terminologia em questão, utilizando para tanto alguns exemplos. Em suma, assinalamos a influência de fatores sócio-históricos e culturais atuantes na composição da terminologia aqui abordada, ênfase para as variantes denominativas compostas por nomes de cores, por nós denominadas de expressões cromáticas especializadas.

2. O léxico, o indivíduo e a sociedade

De acordo com Silva (2006), a linguagem é a fronteira fundamental entre os seres humanos, sendo ela constituinte da alteridade. Em outras palavras, é a linguagem que delimita a semelhança e a diferença. Assim, como bem afirma a autora, “os lugares do ‘eu’ e do ‘outro’ não são pontos fixos, mas colagens da linguagem que se encarnam nos corpos, nas palavras e na movimentação de sentidos, como nas leituras que são feitas sobre as relações sociais” (Silva 2006, s.p.). Nesse processo, aprendemos a lidar com o que nos é estranho, como também com o que nos é familiar. É essa habilidade que nos possibilita traduzir em palavras os limites entre a identidade e a alteridade, visto que é por meio dos conceitos que relatamos nossa interpretação do mundo. Ademais, possibilita-nos ainda harmonizar a relação entre o individual e a sociedade que nos rodeia.

Dentro desse contexto, importa definir o papel do léxico que, de acordo com Biderman (2001), pode ser entendido como um verdadeiro patrimônio social transmitido através das gerações e que contribui para a formação da herança cultural de um povo. Uma vez que aborda a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos, é o léxico o responsável

por expressar linguisticamente a visão que uma comunidade que compartilha de uma dada língua tem do mundo que a circunda, segundo suas percepções, sua consciência, suas convicções e seus interesses. É também o léxico, por meio da cristalização dos conceitos, que possibilita a comunicação e a interação social.

A formação das unidades lexicais que compõe o tesouro vocabular, segundo a autora supracitada, deriva de um processo de categorização que exprime a nossa consciência sobre a realidade que vivenciamos. Durante esse processo, baseamo-nos na reunião de traços que auxiliam na identificação e na classificação das entidades que compõem o mundo real. Trata-se de uma atividade mental, estritamente relacionada ao contexto social, frísamos, em que a percepção, a concepção e a interpretação da realidade são memorizadas pelo falante com base em modelos de estruturas semânticas já existentes na língua e, sobretudo, com base no uso. No tocante a este último, podemos dizer que todas as mudanças transcorridas pela sociedade influenciam não apenas no emprego em que ela faz do léxico, mas sobretudo na sua ampliação. Por essa razão, afirmamos que a evolução do léxico é proporcional à evolução sócio-histórica e cultural da comunidade que o utiliza.

Assim, explica-se a diferença numérica entre as línguas no que tange aos itens lexicais integrantes de campos lexicais como nomes de cores, nomes de animais e de plantas. Uma vez que o sistema linguístico está intimamente relacionado aos costumes e à origem do povo que o utiliza, a abundância ou a carência de itens lexicais na denominação e distinção do espectro cromático, por exemplo, condiz com a necessidade confrontada pelo grupo social na interação diária. Tais pressupostos fundamentam o Relativismo Linguístico, que tem em Wilhelm von Humboldt seu principal propulsor. Para esse estudioso, a linguagem é o órgão criativo do pensamento e as diferenças linguísticas derivam de diferentes visões de mundo. Resumidamente, o sistema linguístico transforma e é transformado pela visão de mundo de uma sociedade, por isso a importância de se observar o significado por trás do uso.

Seguindo essa linha de raciocínio antropológica sobre a linguagem, podemos sustentar que é também por meio da palavra que se faz presente a ideologia. Partindo-se do princípio de que ideologia pode ser definida como um conjunto de conceitos fundamentais compartilhados por uma sociedade, sua relação com a linguagem evidencia-se na medida em que o discurso, ou seja, a palavra em uso, materializa a ideologia. Logo, observamos, num primeiro momento, a estruturação de uma rede conceitual, no

âmbito cognitivo, em que se sustentam os conceitos socialmente compartilhados e que serão, num segundo momento, expressos verbalmente na produção de significações distintas, de acordo com sua manifestação na língua.

Assim como a formação das unidades lexicais do nosso dia-a-dia, o processo de nomeação dos conceitos técnicos e científicos está em harmonia com as transformações individuais e sociais, pois também as unidades lexicais especializadas refletem a forma como aquele que as cria vê, percebe e reflete sobre o mundo ao seu redor, visão essa atrelada ao trajeto científico percorrido pela comunidade em que o indivíduo se insere. Afinal, se as terminologias são de fato componentes do léxico de uma língua, torna-se evidente que refletirão toda a diversidade que caracteriza a linguagem humana, resultado das diferenças em se compreender um mesmo conceito (Cabré 1999). A esse respeito, Cabré (1999) enfatiza a origem compartilhada pelos termos e pelas palavras, afirmando que, acima de tudo, são unidades lexicais, uma forma neutra escolhida pelos estudiosos do léxico de modo a evidenciar que, fora de um contexto, são apenas itens associados a uma dada informação, seja ela gramatical, pragmática ou enciclopédica.

A concepção de que as unidades lexicais especializadas são signos linguísticos e, portanto, componentes do léxico de uma língua natural gera o reconhecimento de que tais unidades estão sujeitas aos mesmos fatores que atuam na formação das palavras que permeiam os discursos cotidianos, incluindo as variações e imposições da cultura de cada povo. Tais fatores implicam, muitas vezes, na construção de estruturas linguísticas diversas para a denominação de um mesmo conceito, as chamadas variantes denominativas, isto é, unidades lexicais cuja criação deriva de elementos geográficos e sociais, diferenças de conceituação, adequação ao nível de língua, dentre outros (Freixa 2002). Por isso, tornam-se responsáveis por harmonizar os diferentes graus de conhecimento dos interlocutores que integram uma dada situação comunicativa. Em seguida, discorreremos sobre o processo de criação das unidades lexicais especializadas e o conceito de variação em terminologia.

3. A terminologia e a variação

Afirmamos anteriormente que o léxico é a representação da realidade de uma dada cultura. É por meio dele que expressamos nossa visão do ambiente em que vivemos. Como frisado por Biderman (2001), o léxico pode ser entendido como um todo composto por diversos subsistemas que

compõem a vasta rede semântica em que são enquadrados os conceitos que delineiam o conhecimento. Efetivamente, o vocabulário técnico-científico atua na composição do tesouro lexical e, da mesma forma que o vocabulário utilizado em situações cotidianas, também as unidades lexicais especializadas estabelecem uma relação intrínseca com a cultura do povo que as utiliza, estando sujeitas às variações e imposições desta.

As concepções anteriores resultam de uma mudança de perspectiva nos estudos terminológicos ocorrida a partir da segunda metade do século passado, sobretudo no decorrer da década de noventa, com o surgimento de novas vertentes teóricas que adotaram um viés descritivo de análise, tais como a *Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT* (Cabré 1999; 2003). Emergem questões que giram em torno do papel do contexto e da situação comunicacional em que as unidades lexicais especializadas ocorrem, a postura do sujeito que as utiliza, seu nível de conhecimento e do impacto sócio-histórico e cultural na criação do léxico especializado. Ao contrário do tradicionalmente defendido, a TCT prega que uma unidade lexical especializada é um signo linguístico e, portanto, dotada de uma forma e um conteúdo indissociáveis e que, no plano da expressão, representam um conceito. Dessa forma, assume as mesmas características e submete-se às mesmas condições das unidades lexicais presentes nos discursos do dia-a-dia (Cabré 2008a). Nesse contexto, itens terminológicos e itens lexicais passam a ser entendidos como objetos que compartilham de uma mesma estrutura, similares 1. semanticamente, visto que são dotadas de um significado e, possivelmente, relacionadas a mais de um sentido; 2. funcionalmente, pois pertencem a uma categoria gramatical; e também 3. pragmaticamente, já que permeiam a interação comunicativa (Cabré 2008b). Sua diferença, portanto, relaciona-se aos usuários que fazem uso de tais unidades na comunicação, à situação de uso, à temática que veiculam e ao tipo de discurso em que ocorrem (Cabré 1999).

A fim de demonstrar a interdisciplinaridade que envolve o estudo das terminologias, Cabré (1999; 2003) propõe o *princípio da poliedricidade*, o qual destaca que as unidades lexicais especializadas são ao mesmo tempo unidades linguísticas (pois fazem parte do léxico das línguas naturais e, por isso, são submetidas às mesmas influências que as palavras utilizadas no nosso dia a dia), unidades de conhecimento específico (visto que representam uma categorização da realidade) e unidades de comunicação especializada (já que possibilitam a troca de conhecimento entre especialistas e entre especialistas e leigos, divulgando o conhecimento especializado). Desta sorte, o funcionamento das terminologias só poderá ser adequadamente

explicado se considerarmos seus aspectos linguístico, cognitivo e comunicativo, podendo seu estudo adotar uma perspectiva integradora, isto é, abordando cada um desses aspectos, ou limitar-se a um único aspecto (Cabré 1999).

Uma vez admitida a importância de se considerar a situação comunicacional em que as unidades lexicais especializadas ocorrem e, por consequência, de se observar o comportamento de tais unidades, bem como as características do falante que as utiliza, renuncia-se ao ideal de biunivocidade, que tinha por objetivo a normatização promotora da precisão exigida pela comunicação especializada. Paralelamente, admite-se a existência da variação terminológica, decorrente do uso natural da língua e dos propósitos da comunicação. Com efeito, o princípio da variação é um dos elementos que fundamentam a TCT, sendo uma das condições inerentes ao estudo das unidades lexicais especializadas. Assim, para o estudo da variação no interior dos discursos, a TCT estabelece uma série de variáveis, dentre elas: a temática, os tipos de interlocutores envolvidos na comunicação, seu nível de especialização, o grau de formalidade, o propósito e o tipo de discurso.

Hurtado Albir (2011) frisa a existência de uma gradação do nível de especialização dos discursos considerados especializados que varia desde o grau máximo, abrangendo os textos direcionados aos especialistas, até o grau mínimo, incluindo os textos direcionados ao público em geral. Inversamente proporcional ao nível de especialização dos discursos é o nível de variação no interior destes, segundo Cabré (1999). Para a estudiosa, o nível máximo de variação encontra-se em discursos de divulgação científica, enquanto que o nível mínimo situa-se nas terminologias normalizadas por comissões científicas. Portanto, uma determinada temática pode ser abordada em diferentes graus de complexidade e especificidade, em diferentes tipos de texto, tanto pelo discurso especializado, quanto pelo discurso comum.

Segundo Freixa *et al.* (2002), existem dois tipos de variação terminológica: a variação localizada no plano das denominações, a chamada variação denominativa, e a variação originada de heterogeneidades no plano do conteúdo, a chamada variação conceitual. Interessa-nos a variação denominativa, fenômeno definido por Freixa (2002) pela existência de diversas denominações para um mesmo conceito; em contrapartida, Bach e Suárez (2002) retratam-no como expressões linguísticas coexistentes e utilizadas por falantes de níveis de especialização diversos para se referirem a um mesmo conceito, estabelecendo uma relação de sinonímia em diversos graus. Trata-se de um recurso discursivo que busca evitar a redundância

presente tanto na linguagem comum, quanto na especializada e que resulta de usos diferentes de uma unidade lexical especializada por parte de uma comunidade, assim como da sua diversidade social, linguística e geográfica.

O presente estudo tem como foco as diferentes formas variantes que denominam as espécies da *fauna* e da *flora* e que representam variações 1) internas, isto é, cognitivas, pois implicam na forma como o ser humano percebe o espectro, categoriza e utiliza os nomes de cores na linguagem, e 2) externas, isto é, sociais, uma vez que determinam os padrões que influenciarão o emprego dos nomes de cores nas mais variadas situações comunicativas. Nas próximas linhas, discutimos sobre a forma como o fenômeno da variação contribui para a ampliação da terminologia em questão.

4. Metodologia de análise e discussões

Frisamos anteriormente que é no léxico em que as características culturais se mostram mais evidentes. É também por meio dele que os diversos grupos sociais que compartilham de uma mesma língua se distanciam, na medida em que expressa verbalmente a ideologia, as crenças, ou até mesmo os objetivos dos indivíduos. Entretanto, também é o léxico responsável por aproximar os povos, pois permite que os conceitos, muitos deles particulares à determinada cultura, percorram o globo. Assim acontece com a terminologia da *fauna* e da *flora*.

Desde os tempos das grandes navegações, o homem tem se maravilhado com descobertas de novas espécies. Uma diversidade inestimável naquele momento e que até hoje encanta pesquisadores ao redor do mundo pela sua complexidade, pela importância para a sobrevivência do próprio ser humano e pela harmonia com o meio em que habitamos. O deslumbre a cada descoberta vem sendo representado linguisticamente na denominação das espécies, sempre tomando como base a característica mais cristalina e acessível ao nosso aparelho visual. Relatos abordados nas obras de Ferronha *et al.* (1993) e Margarido (2000) apontam para a admiração por parte dos europeus da variedade cromática presente na *fauna* e na *flora* e que, a partir de então, tem sido utilizada para a distinção das espécies. Assim, o homem foi criando diferentes formas linguísticas para denominá-las, isto é, os nomes científicos e as formas vernáculas.

Em referimento à classificação biológica (também chamada de classificação científica ou taxonomia) por meio dos nomes científicos, Amabis e Martho (2001) sublinham que o método binomial tem suas raízes no sistema

elaborado por Carolus Linnaeus no século XVIII, tendo como objetivo o agrupamento dos seres vivos de acordo com suas semelhanças. De forma sucinta, a classificação científica organiza os seres vivos e sumariza o conhecimento que temos deles de forma clara e objetiva a partir da semelhança entre certas estruturas dos mesmos. Contudo, nem todas as características são passíveis de compor o nome científico. Quicke (1996) menciona o caso das cores que, embora possam refletir variação intraespecífica ou fatores ambientais, não são usadas na taxonomia como fator de identificação por retratarem uma característica individual que pode variar de ser vivo para ser vivo. Logo, parte-se como pressuposto que a taxonomia não deve retratar as características individuais, mas da espécie como um todo. Definitivamente, o método proporcionou consolidar os parâmetros da evolução biológica, bem como das relações de parentesco entre as espécies. A padronização e o rigor na descrição representam uma ruptura com a classificação proposta por seus antecessores, estabelecendo por definitivo a sistematicidade na classificação. Além disso, Amabis e Martho (2001) afirmam que tal catalogação facilita a troca de informações e, principalmente, o estudo das espécies.

No tocante às formas vernáculas, trata-se de nomes populares que na maioria das vezes são de criação anterior aos próprios nomes científicos (Garrido 2000). Isso porque muito antes do estudo da espécie o ser humano já convivía e, inclusive, aproveitava-se das suas propriedades. Geralmente, retratam suas características físicas, seus hábitos, sua utilização pelo homem e até mesmo crenças a ela relacionadas. Ademais, cada espécie pode estar relacionada a mais de uma forma vernácula, baseada em uma única ou em diferentes características, originando o fenômeno da variação denominativa. Em Martins (2017), defendemos que tais itens representam as preferências cognitivas dos indivíduos que coabitam o mesmo ambiente em que ocorre a espécie. Com efeito, a cor apresenta-se como um traço fundamental para a distinção das espécies, visto que o nosso aparelho visual envia estímulos ao cérebro que permitem sua rápida identificação.

Nos últimos anos, temos nos dedicado ao estudo da contribuição dos nomes de cores na ampliação do léxico de uma língua, em especial, das terminologias. Observando a presença marcante de tais unidades para a denominação das espécies inseridas nos reinos Animal e Vegetal, propomo-nos a descrevê-las em um dicionário especializado, onomasiológico, e que portanto estivesse em concordância com os pressupostos taxonômicos (Martins 2013a; 2017), e que contemplasse em sua nomenclatura apenas unidades lexicais especializadas formadas por um ou mais nomes de cores inseridos em uma tipologia de nomes de cores que segue os padrões

propostos por Berlin e Kay (1969), Arcaini (1991) e Zavaglia (1996), a saber: *vermelho, verde, azul, amarelo, preto, branco, cinza, marrom, rosa, laranja*, sendo acrescentados os nomes de cor *roxo, violeta e anil*. O acréscimo desses três últimos nomes justifica-se pela alternância na constituição do nome popular da espécie decorrente de distinção de frequências distintas em um dado comprimento de onda. Nesse aspecto, influenciam particularidades do falante, tais como os níveis de escolaridade, o gênero, a idade (atuantes na preferência individual), bem como a comunidade em que se insere o falante e sua região geográfica. Nesse sentido, nosso interesse concentra-se no estudo das variantes denominativas da *fauna* e da *flora* tanto no que diz respeito à sua estrutura formal quanto aos aspectos sociais e cognitivos que atuam na sua formação.

Por fim, o recorte das unidades lexicais consideradas em nosso estudo respeita a ocorrência de nomes de cores na formação do nome popular. Para tal recorte lexical, executamos a princípio uma procura nos dicionários de língua portuguesa Houaiss (2009) e Aurélio (2010), disponíveis em CD-ROM. Com o auxílio das ferramentas de busca, inserimos cada nome de cor para chegarmos aos nomes populares. Posteriormente, validamos o uso de cada um dos itens por meio do *Corpus Web*, seguindo o critério de sua ocorrência aliada ao seu nome científico. Isso feito, executamos a classificação biológica das espécies, restringindo-nos àquelas pertencentes aos subdomínios das Angiospermas, isto é, as monocotiledôneas e as eudicotiledôneas, e dos Vertebrados, ou seja, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Como dito anteriormente, utilizamos como referência os nomes populares de cerca de duzentas espécies, limitação estabelecida para fins de pesquisa. Entretanto, o inventário total de nomes populares em língua portuguesa vem sendo implementado à medida que damos andamento à pesquisa e inclui atualmente 1200 itens.

No que diz respeito às outras línguas de trabalho, a procura pelos correspondentes foi realizada exclusivamente pela Web, sendo utilizados os buscadores o *Google.com*, *Google.it* e *Google.es*, sempre a partir da inserção do nome científico da espécie. Desse modo, a Web não apenas nos possibilitou encontrar os correspondentes dos nomes populares das espécies consideradas, como também nos permitiu validar o seu uso. Uma vez verificada a existência ou não de correspondentes, a análise comparativa entre as línguas portuguesa (na sua variedade brasileira e, quando oportuno, assinalando particularidades da variedade ibérica), inglesa (na sua variedade americana e oportunamente fazendo menção a particularidades de outros países que a têm como língua oficial) e italiana. Cabe enfatizar que, neste

trabalho, acrescentamos ainda considerações preliminares sobre a língua espanhola. Com efeito, a variação denominativa nessa língua mostra um material linguístico de investigação riquíssimo, pois, além de apresentar características similares à língua portuguesa no que concerne à história de invasão e curiosidade sobre o continente americano, evidencia a variação diatópica, em que é possível visualizar a interação entre espécie e comunidade social a partir de diferentes países.

De um modo geral e sucinto, a investigação das variantes denominativas em sua formação e uso nos mostrou curiosidades, dentre as quais apontamos aqui o que segue:

1. Tendo em vista que a maioria das espécies consideradas neste estudo são nativas da América Latina, os dados obtidos em português e espanhol nos leva à confirmação da hipótese de que a proximidade entre o homem e o meio em que ocorre a espécie contribui para a formação de variantes denominativas que irão compor a terminologia em questão. De fato, encontramos nessas duas línguas um vasto número de variantes denominativas (compostas ou não por nomes de cores) que representam as preferências dos falantes localizados em diferentes pontos do hemisfério sul. Como exemplo, podemos citar *aroeira-branca*, também conhecida no Brasil por *aroeira-brava*, *aroeira-de-capoeira*, *aroeirinha*, *bugreiro*, *aroeira-do-brejo*. Tal espécie conta com oito nomes populares em espanhol (*aruera*, *molle de beber*, *molle de Córdoba*, *falso molle*, *chichita*, *chichita colorada*, *molle dulce/blanco*), porém, com apenas um nome popular em inglês (*wild aroeira*) e um em italiano (*aruera*).
2. Em contrapartida, verificamos a ausência de variantes denominativas em língua italiana para um número relativamente alto de espécies, especificamente, 28 espécies da *flora* e 12 espécies da *fauna*, todas elas nativas da América Latina, o que contribui para a conclusão relatada no item anterior.
3. Essa característica é social e geograficamente variável, visto que comunidades mais próximas ao habitat da espécie apresentam uma tendência maior à escolha do nome de cor na composição da variante denominativa, sobretudo no que diz respeito às espécies da *flora*.
4. Em muitos casos, o elemento cor está presente tanto no nome científico quanto em variantes denominativas, compondo as expressões cromáticas especializadas, por exemplo, *Morus nigra* L. – amora-preta. Tal fato, apesar de ser contraindicado, demonstra a importância da característica cor também para a comunidade científica.
5. É comum a tradução literal em língua inglesa do nome popular em língua portuguesa, como em *embaúba-vermelha/red embauba*, *braúna-preta/black brauna*, *angico-vermelho/red angico*; ou ainda, a adaptação do nome científico à língua inglesa, como em *Neoraputia alba* (Nees & Mart.) *Emmerichex*

Kallunki/arapoca-branca/white neoraputia, Nectandra lanceolata (Nees & Mart.)/*canela-amarela/lanceolate nectandra*. Tais dados indicam a tentativa de difusão do conhecimento e das descobertas feitas pelos cientistas brasileiros para um nível global por meio da tradução especializada.

6. A análise de diferentes tipologias textuais presentes no *Corpus Web*, enquadradas em níveis de especialização de discurso variáveis, tais como artigos e relatórios científicos, textos jornalísticos, blogs e fóruns da área, apontou para a ampla utilização das expressões cromáticas especializadas, tanto por especialistas quanto por leigos. Concluímos que tais unidades atuam ativamente na difusão do conhecimento e na popularização das espécies da *fauna* e da *flora*.

Por outro lado, tomemos como exemplo espécies que não são endêmicas da América Latina, mas sim que foram trazidas junto com os imigrantes que para cá vieram, tais como a espécie *Lilium candidum* L., originária da Ásia e que é cultivada em diversas regiões do globo. Nesse sentido, ressaltamos que, embora partamos do português do Brasil, incluímos em nosso estudo todo nome popular em língua portuguesa que contenha um nome de cor. Tal espécie apresenta nove variantes denominativas em língua portuguesa, dentre elas, duas são expressões cromáticas especializadas. Em espanhol, esse número se expande para onze variantes e, assim como em português, duas são compostas por nome de cor. Em contrapartida, a língua italiana apresenta cinco variantes, enquanto o inglês tem apenas duas. Em ambas as línguas, apenas um item é formado por nome de cor. Tais informações estão explicitadas no quadro abaixo:

Quadro 1. Variantes denominativas da espécie *Lilium candidum* L.

	Variantes denominativas			
	português	espanhol	italiano	inglês
Composta por item cor	açucena-branca, lírio-branco	azucena blanca, lirio blanco	giglio bianco	white lily
Não composta por item cor	bordão-de-são-josé cebola-cecém cecém copo-de-leite lírio lírio-dos-poetas lis	lírio, azucena, lirio de san antonio, lis, lily, azucena común, lilio, rosa de juno, vara de san josé	giglio della madonna, giglio di san luigi, giglio di sant'antonio, giglio candido	madonna lily

O quadro nos mostra que há a correspondência em relação ao subdomínio cromático utilizado em todas as línguas abordadas, a saber, *branco* - *blanco* - *bianco* - *white*. Ademais, merece destaque a aproximação de tal planta com a religiosidade e a tradição cultural oral que, embora estejam presente nas quatro línguas, mostra-se mais evidente nas línguas espanhola e italiana, demonstrando a influência da cultura desse povo na criação de itens lexicais especializados. Também nessa língua temos a reunião da cor com a religiosidade expressa pela palavra *candido* que remete à sensação cromática e que simboliza a *pureza*.

Vejamos agora o exemplo abaixo, referente à espécie *Benincasa hispida* (Thunb.).

Quadro 2. Variantes denominativas da espécie *Benincasa hispida* (Thunb.)

	Variantes denominativas			
	português	espanhol	italiano	inglês
Composta por item cor	abóbora-branca	calabaza blanca, melon blanco	zucca bianca	White Gourd, White Pumpkin, white gourd melon
Não composta por item cor	abóbora-d'água, caravela	calabaza de la cera calabaza cerosa melon de invierno	Zucca della cera, zucca tamburella, melone di inverno	Wax Gourd, winter melon, winter gourd, ash gourd,

Assim como no exemplo precedente, também essa trepaderia é originária da Ásia, além de ser mundialmente produzida e comercializada. Observamos no quadro 2 a multiplicidade de variantes, entretanto, em maior número em língua inglesa, fruto provável da comercialização do fruto e da proximidade do homem ao ambiente em que é produzida. Enfatizamos ainda a presença do nome de cor e a correspondência cromática em todas as línguas.

Em contrapartida, analisemos exemplos endêmicos da América Latina. A espécie *Nectandra globosa* (Aubl.) Mez, por sua vez, é nativa da região Amazônica, o que contribui para a variedade de nomes em línguas portuguesa e, sobretudo, espanhola, devido à abrangência dessa língua no continente americano. Como descrito a seguir, encontramos nomes comuns cujo uso se restringe a determinados países de língua espanhola. Observemos o quadro abaixo:

Quadro 3. Exemplos de variantes denominativas para espécie *Nectandra globosa* (Aubl.) Mez

	Variantes denominativas			
	português	espanhol	italiano	inglês
Composta por item cor	Canela-amarela, canela-preta, cedro-preto, loiro-vermelho, louro-vermelho	sigua amarillo, quizarrá amarillo, moena blanca (Peru), aguacatillo negro (Honduras), jigua blanco (Ecuador), laurel Blanco (Venezuela), moena amarilla (Peru)	-----	white silverballi
Não composta por item cor	sirubale surineia	quizarrá tostão, sigua, tostão, aguacate de mono, aguacatillo (Costa Rica), aguacate posan, lagarto moena (Peru), laurel (Bolívia), moena (Peru), moena hoja (Peru)	-----	globose nectandra silverballi sweetwood

É interessante notar a multiplicidade de variantes denominativas nessas línguas, principalmente no tocante aos nomes de cores utilizados para a formação desses itens lexicais, uma diversidade geograficamente dependente que permite agrupar os indivíduos de acordo com as características que lhes são peculiares. Em português, temos quatro expressões cromáticas especializadas, com variações tanto no nome que acompanha o item cor, a saber, *canela*, *cedro*, *loiro* e *louro*, quanto no próprio item cor, ou seja, *amarelo*, *preto* e *vermelho*. Em espanhol, temos sete expressões cromáticas especializadas com a mesma variação encontrada em português, entretanto, há a preferência pelos domínios cromáticos *amarelo*, *preto* e *branco*. Com efeito, essa variação deriva, em primeiro lugar, das partes da planta que são tomadas como base para sua distinção, ou seja, suas flores, sua

casca, sua madeira; em segundo, da classe de interlocutores que dão nome à planta, isto é, se estudiosos, comerciantes ou profissionais da carpintaria, ou simples observadores.

Observemos agora um exemplo de variação no domínio da *fauna*:

Quadro 4. Exemplos de variantes denominativas para espécie *Amazona vinacea* Kuhl, 1820

Nome científico	Variantes denominativas			
	português	espanhol	Italiano	inglês
<i>Amazona vinacea</i>	papagaio-de-peito-roxo, papagaio-caboclo, curraleiro, coraleiro, jurueba, papagaio-curraleiro, téu-téu, crau-crau, aiurueba, anacã, jurueba, papagaio-de-coleira, paracuã, peito-roxo, quero-quero, xauá	Amazona Vinosa, amazona de pecho vinoso, Loro de pecho rojo, loro vináceo	Amazzone vinata, Amazzone vinacea, Amazzonia vinacea, Amazzonia vinosa	Vinaceous-breasted Amazon, Vinaceous Amazon Parrot, Vinaceous Parrot, Vinaceous Amazon

Uma primeira consideração diz respeito à diferença numérica de variantes entre as línguas. De fato, a língua portuguesa ressalta-se perante as outras tomadas neste estudo. Também nessa língua, observamos as influências de línguas indígenas, tal como em *anacã* e *paracuã*. As outras línguas, em contrapartida, destacam-se pela tomada do nome científico como base para a formação das variantes.

Por fim, uma última consideração ainda sobre exemplo acima, diz respeito aos nomes de cores utilizados para a formação de variantes em português e espanhol. O português utiliza o item *roxo* que, para a visão humana, localiza-se em um comprimento de onda variável entre 380 e 440 nm.²

2 A amplitude de onda visível é medida em nanômetro (nm).

Já o espanhol utiliza o item *rojo*, que corresponde ao item *vermelho* em português, localizado no espectro cromático entre 625 e 740 nm. O que causaria o uso dessas duas línguas por itens gráfica e foneticamente semelhantes? Talvez a evolução do termo roxo, que poderia corresponder a outro sentido, isto é, a outra posição no espectro cromático? O contato entre as línguas e, conseqüentemente, uma tradução ‘errônea’? Ou, adentrando-nos no nível cognitivo, as diferenças da percepção do espectro cromático que, por conseguinte, derivaria em diferenças na denominação? Independentemente das causas, importa ressaltar que tanto o item *roxo* do português quanto o item *rojo* do espanhol compartilham da mesma origem.

5. Considerações finais

Em suma, procuramos, no decorrer do presente estudo, enfatizar que o léxico reflete as mudanças sócio-históricas e culturais transcorridas por uma comunidade. Uma vez reconhecido seu papel de classificar e nomear o mundo à nossa volta, compreende-se que ele também é responsável por definir a nossa identidade. Por outro lado, os discursos dão voz ao léxico, na medida em que possibilita a manifestação das diferenças e a aproximação com o que nos é semelhante.

Também o processo de criação das unidades lexicais especializadas está em harmonia com as transformações individuais e sociais, pois, sendo tais unidades parte do léxico geral de uma língua, fica evidente que também elas estão sujeitas às influências culturais. Portanto, também na formação das terminologias identificamos o fenômeno da variação. Nesse sentido, as variantes denominativas da *fauna* e da *flora* originam-se da necessidade de comunicação entre interlocutores de variados graus de conhecimento. Sem dúvida, representam concretamente a diversidade cultural intrínseca ao léxico.

No que diz respeito especificamente às línguas em estudo, observamos uma diferença numérica significativa. De um modo geral, temos um maior número de variantes para as línguas portuguesa e espanhola. Em contrapartida, a língua italiana apresenta o maior número de casos de ausência de correspondentes tanto para as espécies pertencentes à *fauna* quanto à *flora*. Já no tocante à língua inglesa, fica evidente seu papel de língua franca e de intermediadora na comunicação do conhecimento entre as nações, visto que muitas das denominações populares aparecem traduzidas em textos de divulgação científica.

Por fim, salientamos que o respeito à diferença nos faz compreender a evolução das línguas e nos faz identificar nosso papel na sociedade. Como estudiosos do léxico, nosso trabalho é demonstrar que não se trata de uma evolução apenas linguística, mas da sociedade como um todo.

Referências

- Amabis, J. M. & Martho, G. R. (2001). *Conceitos de Biologia*. São Paulo: Moderna.
- Arcaini, E. (1991). *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna: Patron Editore.
- Bach, C. & Suárez, M. M. (2002). La variación denominativo-conceptual en la traducción científico-técnica: El papel de la reformulación. In J. Chabás *et al.* (Eds.), *Translating Science. Proceedings: 2nd International Conference on Specialized Translation* (pp. 119–127). Barcelona: PPU.
- Berlin, B. & Kay, P. (1969). *Basic Color Terms: Their universality and evolution*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Biderman, M. T. C. (2001). *Teoria Linguística*. (2ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Cabré, M. T. (1999). *La Terminología: Representación y comunicación. Una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- Cabré, M. T. (2003). Teorías de la Terminología: De la prescripción a la descripción. In G. Adama & V. Della Valle (Eds.), *Innovazione lessicale e terminologie specialistiche* (pp. 168–188). Florença: Leo S. Olschki. (Serie Lessico Intellettuale Europeo, v. 92).
- Cabré, M. T. (2008a). El principio de poliedricidad: La articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico en Terminología. *IBÉRICA*, 16(1), 9–36.
- Cabré, M. T. (2008b). De la rigidez a la flexibilidad en la concepción de la terminología: El papel de la lingüística. In M. Dins Casas Gómez & I. Rodríguez-Piñero Alcalá, (Eds.), *X Jornadas de Lingüística* (pp. 89–108). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz.
- Ferronha, A. L., Bettencourt, M. & Loureiro, R. M. (1993). *A Fauna Exótica dos Descobrimentos*. Portugal: Ed. Elo.
- Freixa, J. (2002). *La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient* (Tese de Doutoramento, Universitat Pompeu Fabra).
- Freixa, J.; Kostina, I. & Cabré, M. T. (2002). La variación terminológica en las aplicaciones terminográficas. In *Actas del VIII Simposio Iberoamericano de Terminología*. Cartagena de Indias. CD-ROM.
- Garrido, C. (2000). Traducción de los nombres vernáculos ingleses de animales en los textos de divulgación científica. In A. Beeby, D. Ensinger & M. Presal (Eds.), *Investigating Translation* (pp. 251–260). Amsterdão: John Benjamins Publishing Company.

- Hurtado Albir, A. (2011). *Traducción y traductología*. (5ª ed.) Madrid: Cátedra.
- Margarido, A. (2000). *As surpresas da flora nos tempos do descobrimento*. Portugal: Ed. Elo.
- Martins, S. C. (2018). O vocabulário das cores para a ampliação lexical: O caso das unidades fraseológicas e paremiológicas. In C. Zavaglia & A. K. G. Simão (Eds.), *Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos* (pp. 161–180). (1ª ed.) São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE.
- Martins, S. C. (2017). *Proposta de uma base de conhecimento multilíngue online de expressões cromáticas da fauna e da flora* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”).
- Martins, S. C. (2014). Cultura, cognição e uso: Aspectos de análise das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas. *Domínios de Lingu@Gem*, 8(2), 118–138.
- Martins, S. C. (2013a). *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora* (Diss. Mestrado, Univ. Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”).
- Martins, S. C. (2013b). As cores da fauna e da flora: Um dicionário especial composto por cromônimos. *Estudos Linguísticos*, 42(1), 245–256.
- Martins, S. C. & Zavaglia, C. (2014). Léxico e cores: as expressões cromáticas contribuindo para a ampliação lexical. *Revista Trama*, 10(20), 83–96.
- Quicke, D. L. J. (1996). *Principles and Techniques of Contemporary Taxonomy*. 2ª ed. London: Blakie Academic Professional.
- Silva, C. M. da. (2006). Metáforas da cultura: Diferença e identidade na leitura da vida social. *Revista Espaço Acadêmico*, 67(6), [s.p.]. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/067/67silva_cristina.htm>. Consultado em: 10 de Setembro de 2014.
- Zavaglia, C. (2010). Dicionário Multilíngue de Cores: a face eletrônica. In C. Xatara. (Ed.), *Estudos em Lexicologia e Lexicografia Contrastiva*, v. 1, pp. 5–286. (1ª ed.) Curitiba: Honoris Causa.
- Zavaglia, C. (2007). A prática lexicográfica multilíngüe: questões concernentes ao campo das cores. In A. N., Isquierdo & I. M. Alves (Eds.), *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. III, pp. 209–222. (1ª ed.) Campo Grande, São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas.
- Zavaglia, C. (2006a). Dizionario Multilingue di Cromonimi: aspetti metodologici e pratici. GLAT-Bertinoro 2006, Forlì. *Actes de GLAT-BERTINORO 2006*, 1, 1–328. Bretagne: ENST Bretagne.
- Zavaglia, C. (2006b) Dicionário e Cores. *Alfa* (IBILCE/UNESP), 50, 25–41.
- Zavaglia, C. (1996). *Os cromônimos no italiano e no português do Brasil: uma análise comparativa* (Diss. Mestrado, Universidade de São Paulo).
- Zavaglia, C. & Martins, S. C. (2016). Simetrias e assimetrias na representação linguística: o caso das unidades lexicais formadas por nomes de cores. *Revista do GEL*, 13(1), 1130.
- Zavaglia, C. & Martins, S. C. (2012). Dicionários especiais: Uma ponte para divulgação e transmissão dos saberes. *GLAT – GENOVA 2012 – Terminologie: textes, discours et*

accès aux savoirs spécialisés (pp. 309–319). Genova: Telecom Bretagne – Università degli Studi di Genova.

Dicionários

Ferreira, A. B. H. (2010). *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0*. (5ª ed.). Curitiba, Brasil: Positivo Informática LTDA. 1 CD-ROM

Houaiss, A. (2009). *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Objetiva. 1 CD-ROM

[recebido em 9 de maio de 2018 e aceite para publicação em 21 de novembro de 2018]